

O LAZER NA GESTÃO DA APRENDIZAGEM: CATALIZADOR NA FORMAÇÃO E NA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

**Ítalo Brener de Carvalho
Aldair Fernandes Silva
Ricardo Soares de Melo**

Resumo

Sugerindo buscar possibilidade de se mensurar o impacto do lazer em ambientes de formação, na profissionalização, no ensino e educação – com foco na aprendizagem de competências laborais, este artigo teórico discute um tema no limite entre três áreas científicas: o lazer, o trabalho e a gestão de aprendizagem. Frente a estudos das mudanças sociais ocorridas desde a revolução industrial até os dias de hoje, se relacionando fortemente com as capacidades de formação de Competências, Habilidade e Atitudes durante o processo de gestão do aprendizado. De forma bivalente: (1) o comportamento social no trabalho e fora dele, ainda como consequência do trabalho alienado, de longas jornadas de trabalho e de novos processos de urbanização. Estruturado como tempo antagônico ao tempo do trabalho produtivo, a perspectiva do lazer, contribui para relações de trabalho mais justas com metas direcionadas para novos paradigmas, relacionados principalmente, na melhoria do bem-estar em níveis individuais, comunais e até mesmo globais em ambientes laborais. E (2) o Lazer e seu papel na gestão, evocado por uma perspectiva funcionalista, que contribui como catalizador da formação do comportamento. Ao final desta discussão, apresenta-se pressupostos e conceitos basilares à esta discussão.

Palavras-Chave: Aprendizagem, Trabalho, Lazer, Gestão Do Ensino E Mudanças De Comportamento.

Abstract

Suggesting the possibility of measuring the impact of leisure in training environments, professionalization, teaching and learning - focusing on the job skills in the learning tool. This theoretical article discusses a theme in the limit between three scientific areas: leisure, work and learning. Faced with studies of the social changes that have taken place since the industrial revolution to the present, strongly related to the Skills and Attitudes during the process of learning management. In a bivalent way: (1) social behavior in and out of work, still as a consequence of alienated work, long working hours and new urbanization processes. Structured as time antagonistic to the time of productive work, the perspective of leisure contributes to fairer working relations with goals directed towards new paradigms, related mainly, in the improvement of well-being at individual, communal and even global levels in work environments. And (2) Leisure and its role in management, evoked by a functionalist perspective, which contributes as a catalyst for the formation of behavior. At the end of this discussion, it presents basic assumptions and concepts to this discussion.

Key Words: Learning, Work, Leisure, Management Of Teaching And Behavior Change.

Introdução

Avaliar os aspectos de bem-estar, como a saúde física (objetiva e percepções subjetivas), saúde mental (por exemplo, a resiliência, estresse e Burnout), a discriminação, a marginalização, a inclusão, o acesso, a capacitação e a possibilidade de diminuir disparidades (Anderson, Ostrom, Corus, Fisk, Gallan, Giraldo, Mende, Mulder, Rayburn, Rosenbaum, Shirahada, Williams, 2013; Rosenbaum, Corus, Ostrom, Anderson, Fisk, Gallan, Williams, 2011) são temas de intersecção entre pesquisas de lazer e de gestão.

Este ensaio, com características metodológicas exploratórias, parte de um princípio: o caráter transformativo de serviços ligados a propostas de bem-estar (Anderson, 2010) com foco na construção de mudanças edificantes que melhorem a vida de indivíduos, de famílias, da sociedade e dos sistemas que interligam agentes e consumidores (Anderson *et. al*, 2013), membros de um sistema, que proponham contribuições com foco na melhoria do bem-estar, baseado em dois pilares (1) melhorar o bem-estar por meio da mudança de comportamento e (2) pela compreensão de como se co-cria valor.

Apesar da Lógica de Mercado se concentrar em preâmbulos lucrativos, postular que o valor percebido por qualquer público-alvo, são em sua essência moduladas por variáveis como: o tempo, renda, aspectos sociais, instituições, símbolos, inseridos em uma lógica de política pública, bem como de atividades ligadas a características psicológicas individuais. Podem apontar, que o cotidiano seria a célula das transformações almeçadas pela sociedade. E uma vez centrada no trabalho a experiência cotidiana humana, é apreendida, é compartilhada, é elaborada e negociada (Bauman, 2009).

Leite (2012, p. 14) em sua abordagem sobre sistemas inteligentes, destaca que as cidades, suas instituições e meios se reinventam, “elas não são fossilizadas: as melhores cidades são aquelas que continuamente sabe se renovar, funcionam similarmente a um organismo – quando adoecem, se curam mudam”. Da mesma forma, a sociedade contemporânea urge por novos modelos de cidade, por novos modelos de gestão, mais justos e sustentáveis. Ou seja, transformá-las numa rede estratégica de núcleos policêntricos compactos e densos, otimizando infraestrutura.

Embora constituído para propostas de buscas positiva de atendimento da qualidade de vida, as abordagens do Lazer são fortemente criticadas. Relata-se que

organizações e instituições não corroboram, com o aprendizado de seus colaboradores, ignoram ou até mesmo prejudicam o sistema produtivo com políticas predatórias e degradantes. No aspecto qualitativo do lazer como prática pedagógica, Marcellino (2010) classifica o lazer como um recurso de ajuste das pessoas à sociedade, ou seja, de modo a manter a ordem social já estabelecida. Para o mesmo autor o lazer oferece oportunidades de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades onde estão inseridas. Além disso, é um espaço para participação cultural, possibilitando a instauração de uma nova ordem social, levando os sujeitos a uma formação integral, transformando-os em cidadãos, atuando em sua cultura, modificando a sociedade.

O desafio é oportuno, desde que surja da atuação conjunta da sociedade civil organizada, do setor corporativo e, obviamente, da atuação pública eficiente, o maior gargalo em países como o Brasil. Sendo um desafio propor métricas acadêmicas de investigações que promovam este avanço.

Assim este artigo tem como objetivo buscar compreender o lazer como catalizador da transformação e fornecer uma forma de analisar o processo de co-criação e de melhoria do bem-estar por meio da mudança de comportamento. Disponibilizar informações para o planejamento e a gestão focadas em diferenciais ofertados pelo lazer. Profundamente ligados as questões Sociais, de Educação e de Formação Cidadã.

O lazer como agente transformador

Vários estudos em Lazer apontam a obra de Acácio Ferreira (1959) como obra pioneira neste campo. Em sua obra "Lazer Operário", Ferreira afirma que a compreensão lazer (apesar de ser um conceito nesta ótica generalizado) apenas como uma fração de tempo, que em contraponto com o tempo trabalhado é nominado como tempo livre. Dessa maneira a oposição entre Trabalho e Lazer, mesmo possuindo, características distintas, integram a mesma dinâmica social em um sistema cotidiano de vida e vivência (WERNECK, 2000) estabelecendo relações dialéticas e também antagônicas.

Nesta perspectiva o lazer é compreendido como uma conquista do trabalhador. Oportunizada no contraponto ao tempo dedicado no ambiente de trabalho. Esta perspectiva do "tempo" tem significado regulatório. Por exemplo: envolve a quantidade de horas trabalhadas no dia, "O Estado, com a evolução das leis trabalhistas, veio paulatinamente reduzindo a jornada de trabalho para 12, 10, 9 e 8 horas de labor, aumentando os momentos de folga, e, desta forma, criando o problema do uso adequado

das horas de lazer” (Marinho, 1957, p.135). Envolve o tempo de férias, envolve os descansos semanais, regulamentados pelas leis trabalhistas e remunerados. “O período entre duas jornadas consecutivas de trabalho e os repousos obrigatórios, isto é, o descanso semanal e as férias anuais” (Sussekind, Marinho & Góes 1952, p.16-17).

Esta discussão apesar de realizada no século passado, ainda é presente nos dias de hoje. A ideia de que as horas de lazer deveriam ser preenchidas apenas com as atividades recreativas que consideradas, pelos segmentos dominantes no mercado capitalista, como horas saudáveis (Gomes, 2014). Criando, assim, uma ótica do lazer fundamentada na perspectiva do lazer complementar as horas de trabalho, e na proposta de criar atividades físicas que fortaleçam a força de trabalho. Ou seja mesmo no tempo de lazer, que este tempo fortaleça a força de trabalho, habilitando-a para trabalhar de forma saudável, melhor ou mais.

No entanto, é com Dumazedier (1973) que a compreensão restrita ao lazer com variável modeladora “tempo” que subtraído da jornada de trabalho, torna-se crítica. Percebe-se que amplia-se a discussão propondo uma reflexão que tem como premissas:

(1) caráter liberatório: o lazer é liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, sócio espirituais e sócio-políticas) e resulta de uma livre escolha.

(2) caráter desinteressado: o lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócios spiritual.

(3) caráter hedonístico: o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si: “isso me interessa”. Essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer.

(4) caráter pessoal: as funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações primárias impostas pela sociedade.

A obra de Dumazedier (1973) referência a amplitude do conceito de lazer. Compreendido como o conjunto de ocupações, que de livre vontade, qualquer indivíduo, tanto para repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda que por meio dela desenvolve sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou a livre criatividade, excluindo as obrigações sejam profissionais, familiares ou sociais.

Fundamentando-se no pensamento de Dumazedier, Renato Requixa e Luiz Octávio Camargo também esboçaram concepções de lazer que coincidem com os

postulados do sociólogo francês. Requixa (1980, p.35) define o lazer como “ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social.”

Esta perspectiva possibilita uma inversão de ótica: do lazer contraponto ao trabalho, para o lazer como um direito, e como dimensão da vida e cotidiano humano.

O lazer como agente do direito

A inclusão do lazer na constituição de 1988 – possibilitou novas perspectivas para a percepção do lugar do lazer na sociedade moderna. Incluído como dimensão da vida humana, que deve ser contemplado por políticas públicas, uma construção sociocultural e coletiva.

O avanço do campo é significativo, como reconhecimento deste direito, a partir deste período. As questões discutidas até então contrária ao lazer alienado, em contraponto ao lazer crítico e criativo, que emancipa o sujeito, que fomenta cidadania. Segundo Marcellino (2002) se reconhecido, e oportunizado a livre adesão, envolve prazer, propicia condições para o descanso, para o divertimento e para o desenvolvimento tanto pessoal quanto social.

Na sociedade brasileira, conforme criticado por Marcellino (2002), as relações que envolvem o Lazer e a Formação ocorrem nos próprios locais de moradia, dentro de casa, o que tem favorecido a formação de um público cativo da televisão. O não envolvimento em atividades recreativas, físicas ou de lazer massificam e tangenciam um elevado percentual de pessoas que não se envolvem com a prática de esportes e exercícios físicos na adolescência (Silva, 2008) ou na idade adulta (Martins *et. al*, 2009) e muito menos na terceira idade (Salvador *et al.*, 2009), tem resultado diversos prejuízos à promoção da saúde.

Para Camargo (1986, p.97), o lazer representa “um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos”.

Percebe-se portanto como esta temática é articulada em temas de fronteira, entre a gestão eficiente, efetiva e eficaz de recursos e ações que promovam o lazer, como também os aspectos sociais e humanos promovidos pela inserção do lazer na sociedade. Sendo recomendado preencher as lacunas e ultrapassar algumas das fragmentações e

separações que caracterizam o campo de investigações no domínio do bem-estar tornarem-se essencial (Mick *et al.*, 2012, p. 5) para uma melhor formação ativa, saudável e humana.

O lazer como agente de formador

Um texto de Nicanor Miranda no ano de 1935, também já havia destacada a variável tempo como moduladora do lazer. Em sua concepção o tempo do lazer deveria ser corretamente preenchido, as horas vagas da população trabalhadora deveria ser usada para o aprendizado.

Relatado por Gomes (2003) o texto de Miranda discorria sobre a formação de uma jovem moça operária. Destacando variáveis inseridas no contexto. O autor ressalta que devido a baixa escolaridade, devido a uma educação incompleta, as jovens (se referindo diretamente a força de trabalho feminina) seriam incapazes de preencher o tempo de lazer de forma organizada e proveitosamente educativa. Esta referência inclui portanto a relação entre a variável tempo e educação.

Marcelino (2009), pedagogicamente analisando, destaca os seguintes aspectos educativos do lazer: educação para o lazer e pelo lazer – 1. enquanto objeto [...], na perspectiva de chamar a atenção para a importância do lazer na nossa sociedade [...] e dando iniciação ao conteúdo cultural específico (físico-esportivo), mostrando a relação com os demais; 2. enquanto veículo [...], trabalhando os conteúdos vivenciados pelo lazer, [...] buscando a superação do conformismo, pela crítica e criatividade; e 3. enquanto conteúdo e forma, no desenvolvimento das aulas, buscando incorporar, o máximo possível, o componente lúdico da cultura.

Este mesmo autor intitulou “pedagogia da animação” a relevância do construto lazer, escola e processo educativo para a aprendizagem. Marcelino (2011) vê essa pedagógica como embasadora de uma nova prática educativa e realimentada através dessa própria prática, considerando as possibilidades do lazer como canal viável de atuação no plano cultural, de modo integrado com a escola. Dessa forma, o lazer poderia contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social, sempre em conexão com outras esferas de atuação política.

Apesar da divisão do trabalho ter implicado na especialização de tarefas, ou seja, na habilidade, esta especialização, por sua vez, gerou um refinamento dos recursos operantes, nas pessoas, em suas habilidades e conhecimento. Neste contexto, os recursos operáveis, como matéria-prima e ferramentas, continuam essenciais, mas é

preciso desenvolver conhecimentos e habilidades através da aprendizagem organizacional para “encontrar, extrair, cultivar, inventar, fabricar e usar recursos operados; ou seja, os benefícios derivam da aplicação de recursos operantes a recursos operados”, de acordo com Vargo e Lusch (2006).

Lazer e a abordagem funcionalista

Nelson Marcellino vêm sendo consideravelmente citado nos estudos sobre o lazer em nosso país. Em seu livro Lazer e humanização, observa-se que sua produção intelectual também endossou as ideias de Dumazedier. Embora as análises do sociólogo brasileiro sejam redimensionadas em alguns pontos fundamentados por subsidiar considerações marxistas. Ponto marcante com as chamadas “abordagens funcionalistas” do lazer.

No seu entender, tais abordagens são conservadoras, disciplinadoras, visam à manutenção do *status quo*, mascaram injustiças sociais e funcionam como válvulas de escape das tensões. Como as abordagens funcionalistas procura-se por um ajuste do indivíduo, de forma acrítica ao contexto em que vive, incentivando o consumismo em relação ao lazer.

Nesta perspectiva a disponibilidade de tempo significaria possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (Marcellino, 1987) amplia o conceito de lazer enunciado, anteriormente, pelo próprio autor, no qual lazer e ócio eram colocados em campos opostos.

Ao redimensionar o lazer como cultura, esta compreensão supera o seu entendimento como mero “conjunto de ocupações”. Mesmo promovendo um avanço na compreensão de lazer, alguns pontos do conceito de Marcellino também vêm sendo foco de questionamentos. Vânia Noronha Alves (2003, p.98) assinala que, apesar da apropriação, por muitos, desta concepção de lazer, algumas questões precisam ser repensadas: “talvez, fosse mais correto falar em tempo disponível, ao invés de tempo livre” evoluindo para conceitos como tempo conquistado de Bramante (1998), Segundo sua interpretação, o tempo é um “conceito objetivamente inelástico” que vem sendo encarado como uma “mercadoria” de luxo, em que a máxima “tempo é dinheiro” chega a refletir o seu significado. “Portanto, ‘conquistar’ um tempo da não obrigação vem se impondo como um desafio para todos que desejam exercitar a face humana da vida plena” (1998, p.11).

Marcellino (1987, p.29) afirma que: “o lazer se traduz por uma dimensão

privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. [...]”.

Trilhando caminhos marxistas, Mascarenhas (2001, p.92) também formulou um conceito de lazer. Conforme suas palavras, “o lazer se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia.”

Assim, o lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente, em contexto específico, a partir de a princípio, quatro elementos inter-relacionados:

(1) **tempo**, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.);

(2) **espaço-lugar**, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer;

(3) **manifestações culturais**, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento;

(4) **ações**, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade.

Como constituem elementos inter-relacionados, integrados como organismos, são promovidas pelos agentes governamentais, por leis e políticas públicas regulatórias. Mas considera-se que não há impedimento para a execução destas por parte de empresas privadas por agentes produtivos de diferentes portes, contribuindo para um desdobramento e impacto no bem-estar das ações de gestão organizacional.

Lazer e sua capacidade de contribuir para o bem estar laboral

Desde os primórdios da humanidade, os seres humanos se esforçaram para melhorar o seu bem-estar e, conseqüentemente, a qualidade de suas vidas. E são os acessos a serviços ao longo da vida que geram Bem-estar (Ostrom *et. al.*, 2010). Veja bem, se o bem-estar está relacionado com qualquer nível de satisfação das necessidades básicas através (Maslow, 1943 e 1987) as necessidades de água, comida, abrigo, status e reconhecimento, podem ser atendidas por meio dos serviços de distribuição de água, pela disponibilidade de alimentos pelos supermercados, meios de hospedagem e

construção civil ou reformas, por serviços de redes sociais.

As metas e objetivos deste novo paradigma se relacionam principalmente na melhoria do bem-estar em níveis individuais, comunais e até mesmo globais. Observa-se que o direcionamento de pesquisas podem seguir as seguintes agendas: (1) bem-estar, incluem questões de qualidade de vida. (2) serviços que já possuem qualidades transformadoras pela sua concepção inerente e são destinadas a melhorar o bem-estar (mas na realidade não o fazem) e (3) serviços que não foram concebidos com qualidades transformadoras mas que poderiam melhorar não intencionalmente o bem-estar.

O termo ecossistema é escolhido por indicar uma dinâmica de adaptação constante do sistema. Como os sistemas são auto ajustáveis, simultaneamente funcionando e reconfigurando o processo de integração de recursos e criação de valor. Uma visão de sistema difere da visão de rede pelo fato de que no sistema, a cada integração de recurso, provisão de serviço e criação de valor, ocorre uma mudança em certo grau do contexto para a próxima iteração e determinação da criação de valor (Wieland *et. al.*, 2012).

A tentativa de modificar as atitudes ou o comportamento são segundo Kotler (1978, p.293), os seguintes tipos:

(1) **mudança cognitiva:** Há muitas causas sociais cujo propósito é informar a opinião pública, alterando, assim, seu nível de conhecimento a respeito de determinados assuntos. O Marketing Social acionaria seu sistema de pesquisas para identificar os grupos mais carentes de informações; para identificar seus hábitos de mídia e as predisposições comportamentais da audiência-alvo, de modo a subsidiar a elaboração das mensagens; Exemplos: programa para explicar o valor nutritivo de alimentos; programa para chamar a atenção sobre o problema da velhice.

(2) **mudança de ação:** Outro tipo de causa social é aquela que visa alterar a atitude das pessoas, tentando, frequentemente, induzir um número máximo dessas pessoas a realizar uma ação específica, durante certo período. Este tipo de mudança apresenta maior grau de complexidade em relação à mudança cognitiva. A audiência-alvo deverá fazer um aprendizado para a execução de alguma coisa e isto envolve um custo para a pessoa. Mesmo que a sua predisposição seja favorável ela terá que ser deslocada da inércia. Exemplos: programa de vacinação em massa; programa para atrair doadores de sangue; programa para a prevenção do câncer; mutirão para a limpeza da rua.

(3) **mudança no comportamento:** Aumenta o grau de complexidade em relação às

mudanças anteriores. Algumas causas sociais têm por objetivo ajudar as pessoas a modificar algum aspecto de seu comportamento, tendo em vista o bem-estar individual. A mudança comportamental lida com dinâmicas psicológicas mais arraigadas, requerendo, portanto, mais habilidades na sua condução. Exemplos: programas para desencorajar o vício do fumo; programas contra entorpecentes, bebidas alcoólicas, etc.

(4) **mudança de valor:** As causas que procuram alterar crenças ou valores lidam com o tipo de mudança de maior grau de complexidade. Exemplo: programa contra a segregação racial. Kotler (1978, p.150)

O lazer como agente capacitador

O bem estar poderá ser então, percebido por uma abordagem **hedônica** e **eudaimônica**¹ na criação de valores compartilhados.

A eudaimonia do lazer, descreve bem-estar como uma realização do potencial. Waterman (1984, p. 16), definem eudaimonia como "sentimentos acompanhados de comportamentos na direção consistente do verdadeiro potencial ", Haybron (2008, p. 21) propondo um rótulo denominado de "Florescimento humano". Outra conceituação é proposta por Anderson et al. (2013) mais precisamente relaciona eudaimonia e Bem-estar individual, amplificado para sistemas coletivos, e aos níveis de ecossistemas. O bem-estar eudaimônico, vai além da avaliação reflexiva e estados emocionais e compreende o bem-estar sob a perspectiva do funcionamento psicológico global, como competência, autonomia, significado e propósito; sensações capacitadoras de comportamento.

Uma lista de elementos eudaimônicos direcionados ao bem-estar podem ser identificados em propostas de pesquisas. Por exemplo, incluir o acesso a um serviço, alfabetização, melhor tomada de decisão, a saúde, diminuindo disparidades, o envolvimento, harmonia, poder, respeito, apoio, redes sociais, saúde, lazer e direitos constitucionais.

Por outro lado, o bem-estar hedônico é fundamentado nas ideias, de felicidade e "definir bem-estar em termos de obtenção de prazer e evasão da dor "(Ryan e Deci, 2001, p. 141). Usando o mesmo raciocínio, Anderson *et. al.*, (2013) precisamente

¹ Eudaimonism (or Eudaemonism or Eudaimonia) is a moral philosophy that defines right action as that which leads to the "well-being" of the individual, thus holding "well-being" as having essential value. It makes up part of the system of Virtue Ethics propounded by the ancient Greek philosophers, in which a lifetime of practising the virtues ("arête") in one's everyday activities, subject to the exercise of practical wisdom ("phronesis") to resolve any conflicts or dilemmas which might arise, will allow the individual to flourish and live the good life ("eudaimonia").

relaciona hedonismo e bem-estar para nível individual e coletivo. Elementos de bem-estar hedônico são satisfação com a vida, afeto positivo, e a ausência de afeto negativo: tais como estresse, medo, tensão, capacidade de adaptação e coletividade.

Os resultados para o bem-estar sejam eles eudaimônico ou hedônico estão interligados por uma criação de valor. Vargo e Lusch, 2008 ao adotar uma visão de valor para um bem-estar humano, em uma concepção coletiva ao nível do sistema.

O valor assim, equivale a melhoria de todo o sistema de bem-estar (Vargo et al., 2008). Aqui, o valor (benefício) é o aumento das diferentes vias de bem-estar do sistema (Vargo e Lusch, 2014, p. 29). Considerando que, valor e valor co-criação integram-se, parece estar relacionado com qualquer valor possível co-criado por estes atores. Especificamente o lazer, o bem-estar e a capacidade de aprendizado são componentes dos indivíduos, e destaca-se que os resultados das relações sejam negativas ou positivas, intencionais ou não intencionais, estariam intrinsecamente relacionadas aos resultados que formam o comportamento. Corroborando com esta ideia, Camargo (2006) aborda o lazer como um modelo cultural de prática social que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Esta é a chamada educação informal, numa sociedade que, não apenas através da escola ou da família, mas também dos seus pontos de encontro, das informações difusas de tevê, jornais, *outdoors*, cinema, bate-papos, se converte numa sociedade educativa.

Em um sistema que integra seus agentes, macro ambiente e seus recursos, na criação de valor para si e para os outros (Vargo *et. al.*, 2008), dentre as diferentes perspectivas utilizadas para fortalecer abordagens que relacionam ferramentas de aprendizado, aponta-se nesta discussão a seguinte: o lazer efetivamente alcançando aqueles indivíduos que se envolvem (Foote et al., 2014), aprendem e dimensionam a mudança de comportamento; nesta perspectiva o lazer visa justamente trazer benefícios para o indivíduo e para a sociedade, no campo do trabalho e da realização humana.

Considerações finais

Este artigo teórico discutiu um tema pertinente a duas áreas científicas, a intersecção entre pesquisas de lazer e de pesquisas em gestão, apresentando uma proposta de evolução do pensamento de como o Lazer pode ser taxado como Catalizador na Formação do Comportamento, através da aprendizagem.

O ambiente de trabalho, a vida para além do tempo laboral envolve aspectos de bem-estar. Tanto a saúde física como a saúde mental, a inclusão, o acesso, a capacitação

e a possibilidade de diminuir disparidades, de direito e de realização humana focam na formação de possíveis mudanças, edificantes, que possibilitam um comportamento social no trabalho e fora dele, que melhorem a vida de indivíduos, de famílias, da sociedade e dos sistemas que interligam seus agentes.

Baseado na melhoria do bem-estar por meio da mudança de comportamento e pela criação de valor, o lazer e a gestão contribuem para relações de trabalho um pouco mais justas com metas direcionadas para novos paradigmas.

O Lazer e seu papel na gestão, evocado por uma perspectiva funcionalista, contribui como catalizador da formação do comportamento quanto maior o nível de atividades do indivíduo maior a integração dos recursos e co-criação de valor.

Aceitação dos valores, que tornam a opção aceitável para adoção, empenho e aplicação de recursos individuais que permitam um nível alto de engajamento dependem dos valores sejam simbolicamente negativos para o indivíduo.

Influenciam na percepção da opção como relevante para si, para familiares e para a sociedade, já que instituições que sentem que valor atribuído a uma proposta de valor, podem compreender que quanto mais as regras institucionais restringirem o campo de alternativas, mais severas as sanções e mais eficazes os mecanismos de garantia, menor a possibilidade de o indivíduo perceber a mudança como relevante.

Mesmo utópico as características individuais também podem influenciar, por exemplo, o nível de emancipação e capacidade crítica de uma sociedade, quanto maior o nível de emancipação, mais recursos são integrados.

Uma lógica institucional ou da simbólica determina o que é positivo e o que é negativo, contraposta ao nível de emancipação determina quais recursos serão integrados. Pode ocorrer também a intervenção do grupo de amigos e familiares, que representam recursos individuais. Quanto maior o número de interações com o grupo, maior o número de recursos integrados e a co-criação de valor na mudança.

Ao contrário atividades como exemplificadas de atitude positiva, pró-atividade e pensamento otimista determinam a integração e a co-criação de valor de um grupo, incluir atividades como palestras motivacionais podem aumentar o valor co-criado.

A mudança de comportamento é um ato voluntário, pois o ambiente institucional e os símbolos também direcionam recursos tanto para a mudança quanto para o reforço da manutenção do novo comportamento. As novas regras, sanções e garantias tendem a manter o novo comportamento e, portanto, criar uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.

Assim cumpre-se com o objetivo deste artigo teórico, de buscar resgatar a literatura de lazer como catalizador da transformação, fornecendo melhoria do bem-estar e das práticas de aprendizagem por meio da mudança de comportamento.

Profundamente ligados as questões Sociais, de Educação e de Formação Cidadã, a intenção de propor pressupostos basilares à esta discussão, são elencados a seguir, e merecem ser ampliados, como sugestão de novos estudos, que promovam a possibilidade de mensurar o impacto do lazer em ambientes de laborais como ferramenta de aprendizagem:

• **1º Proposição:** compreender agentes e entidades de serviço, de consumo e de produção do lazer - o macro ambiente que promove resultados para o bem-estar que priorizem a otimização, acessibilidade, comunicação apropriada, contribuir para captar o nível de sensibilidade aos desejos e necessidades.

• **2º Proposição:** envolver os agentes construção de uma capacidade que permita a transformação, focada em Mudança cognitiva, Mudança de Ação, Mudança no Comportamento e a Mudança de Valores.

• **3º Proposição:** conscientizar a existência da opção de mudança; aceitação dos valores que tornam a opção aceitável para adoção; percepção da opção como relevante para si, para familiares e para a sociedade; percepção de que as consequências positivas da opção superam as consequências negativas; crença de que se possui habilidade e capacidade para adoção da opção; crença de que pessoas consideradas importantes (família, amigos) que apoiam a adoção da opção.

• **4º Proposição:** Utilizar principalmente as premissas que Lazer pode ser a chave para trocas indiretas que co-criando atores sociais e econômicos são integradores de recursos; o valor é unicamente e fenomenologicamente determinado pelo beneficiário.

• **5º Proposição:** Mensurar e usar a capacidade na qual a proposta de um determinado comportamento cria novas situações de bem estar, considerando a eficiência, a eficácia e também a efetividade do processo de aprendizagem (análise de impactos em médio e longo prazo).

Assim, através deste levantamento teórico, percebe-se o lazer é uma dimensão da cultura, do cotidiano social que, além de direito, é formado pela visão funcionalista como agente capacitador, formador e contribuinte da aprendizagem e bem estar dos indivíduos em diversos ambientes.

Bibliografia

Anderson Laurel (2010). “Improving Well-Being through Transformative Service,” in “Moving Forward and Making a Difference: Research Priorities for the Science of Service,” by Ostrom Amy L., Bitner Mary Jo, Brown Stephen W., Burkhard Kevin A., Goul Michael, Smith-Daniels Vicki, Demirkan Haluk, Rabinovich Elliott, *Journal of Service Research*, 13 (1), 4–36.

Anderson Laurel, Ostrom Amy L., Corus Canan, Fisk Raymond P., Gallan Andrew S., Giraldo Mario, Mende Martin, Mulder Mark & Rayburn Steven W., Rosenbaum Mark S., Shirahada Kunio, Williams Jerome D. (2013), “Transformative Service Research: An Agenda for the Future,” *Journal of Business Research*, 66 (8), 1203–1210.

Anderson, L., Ostrom, A. L., & Bitner, M. J. (2011). Surrounded by services: A new lens for examining the influence of services as social structures on well-being. *Working study*, WP Carey School of Business, Arizona State University, Phoenix, AZ.

Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bramante, Antonio Carlos (1998). Lazer: concepções e significados. *Licere*. Belo Horizonte, v.1, n.1. p.9-17.

Camargo, Luiz Octávio L (1986). *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense.

Dumazedier, Joffre (1973). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.

_____ (1979). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.

Ferreira, Acácio (1959). *Lazer Operário: Um estudo de organização social das cidades*. Salvador: Livraria Progresso.

Fisk, Raymond (2009), “A Customer Liberation Manifesto,” *Service Science*, 1 (3), 135-141.

Foote, J., Baker, V., Carswell, S., Fa’asalele Tanuvasa, A., Finsterwalder, J., Hepi, M., & Taylor, A. (2014). Towards a Service Ecology Approach to Improve Social Service Uptake and Outcomes for the ‘Hard to Reach’ Populations. In Proceedings of the 58th Meeting of the International Society for the Systems Sciences-Learning Across Boundaries: Exploring the Variety of Systemic Theory and Practice, Washington DC.

GOMES, Christianne L. (2004). Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p.119-126.

_____ (2003). Lazer e trabalho no contexto urbano: Reflexões sobre os “Clubes de Menores Operários” (1937-1947). In: MÜLLER, Ademir; DACOSTA, Lamartine P. (Org.). *Lazer e trabalho: Um único ou múltiplos olhares?* Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC. p. 27-44.

_____ (2003). *Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais no âmbito das políticas públicas* (1926-

1964). Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG (Tese, Doutorado em Educação).

Kotler, P. (1978). *Marketing Para Organizações Que Não Visam Lucro*. São Paulo: Atlas.

Maslow, A.H. (1987). *Motivation and Personality*. Harper & Row, New York.

Leite, C. (2012). *Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano*. Porto Alegre: Bookman.

Marcellino, Nelson C. (1987). *Lazer e educação*. Campinas: Papirus.

_____ (1983). *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus.

_____ (2009).. *Lazer, saúde e educação física: a corporeidade e a qualidade de vida*. In: Moreira, W. W.; Simões, R. (Org.). Educação Física e produção de conhecimento. Belém: EDUFPA. v.1, p. 81-108.

_____ (2011). *Pedagogia da animação*. 10. ed. Campinas: Papirus.

Marinho, Inezil Penna (1957). *Educação física, recreação e jogos*. São Paulo: Cia Brasil Editora.

Mascarenhas, Fernando (2001). *Lazer e trabalho: Liberdade ainda que tardia*. In: Seminário “O lazer em debate”, 2, 2001, Belo Horizonte. Coletânea... Belo Horizonte: Imprensa Universitária/CELAR/DEF/UFMG. p.81-93.

Mick, D.G., Pettigrew, S., Pechmann, C., Ozanne, J.L. (2012). *Origins, qualities, and envisions of transformative consumer research*. In: Mick, D.G., Pettigrew, S., Pechmann, C., Ozanne, J. (Eds.), *Transformative Consumer Research for Personal and Collective Well-Being*. Routledge, New York, London, pp. 3–24.

Requixa, Renato (1977). *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

_____ (1980). *Sugestão De Diretrizes Para Uma Política Nacional De Lazer*. São Paulo: Sesc.

Rosenbaum, M. S., Corus, C., Ostrom, A. L., Anderson, L., Fisk, R. P., Gallan, A. S., ... Williams, J. D. (2011). Conceptualisation and aspirations of transformative service research. *Journal of Research for Consumers*, 19,1–6.

Ryan, R.M., Deci, E.L. (2001). On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Reviews of Psychology*. 52 (1), 141–166.

Santos, M. (2003). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.

Sussekind, Arnaldo, Marinho, Inezil P., Góes, Oswaldo (1952). *Manual de Recreação (Orientação dos lazeres do trabalhador)*. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Vargo, S.L., Lusch, R.F. (2006). *Service-dominant logic: what it is, what it is not, what it might be*. In: Lusch, R.F., Vargo, S.L. (Eds.), *The Service-Dominant Logic of Marketing: Dialog, Debate, and Directions*. ME Sharpe, Armonk, NY, p. 43–56.

_____. Service-dominant logic: continuing the evolution. *Journal Academic of Marketing Science*. 36 (1), 2008a. p.1–10.

_____. (2008). Why “service”? *Journal of the Academy of marketing Science*, 36(1), 25-38.

----- (2011). It's all B2B... and beyond: Toward a systems perspective of the market. *Industrial marketing management*, 40(2), 181-187.

_____. (2008). *Foundations & frontiers of service-dominant logic*. Paper presented at the Forum on Markets and Marketing, Karlstad, Sweden.

Vargo, S. L., Maglio, P. P., & Akaka, M. A. (2008). On value and value co-creation: A service systems and service logic perspective. *European management journal*, 26(3), 145-152.

Werneck, Christianne Luce Gomes (2000). *Lazer; trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG/CELAR.

Wieland, H., Polese, F., Vargo, S. L., & Lusch, R. L. (2012). Toward a Service (Eco)Systems Perspective on value creation. *International Journal of Service Science, Management, Engineering and Technology*, 3(3), 12–25.

Williams, Jerome D. & Geraldine R. Henderson (2012), “*Discrimination and Injustice in the Marketplace: They Come in All Sizes, Shapes, and Colors*,” in David Mick, Simone Pettigrew, Connie Pechmann, and Julie Ozanne, eds. *Transformative Consumer Research for Personal and Collective Well Being: Reviews and Frontiers*, Boca Raton, FL: Taylor & Francis, 171-190.